

Jogo de taco e o lazer da quebrada

Everton Arruda Irias

A tematização ocorreu no primeiro semestre do ano de 2019, junto a três turmas de 7^{os} anos do Ensino Fundamental, da EMEF Raimundo Correia, uma unidade educacional localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo.

Nos anos anteriores, as turmas haviam estudado danças, lutas, brincadeiras, esportes e ginásticas, sem muitas resistências. A partir de um levantamento coletivo (por meio de uma atividade em grupos) das práticas corporais acessadas na escola, no bairro ou no ambiente familiar, foi possível perceber certo desequilíbrio na distribuição das experiências escolares. Para remediar a situação, seria necessário tematizar as ginásticas e lutas ao longo do ano. Entretanto, como se tratava do início do trabalho, e como eu estava retomando as aulas com adolescentes após passar cerca de cinco anos ministrando aulas para crianças dos anos iniciais, estava um pouco apreensivo e até mesmo angustiado. Em busca de trilhas mais seguras, a fim de adquirir alguma confiança, decidi tematizar o jogo de taco, uma vez que fora mencionado nas conversas com as três turmas. Além disso, o Jardim Helena, bairro onde a escola está situada, possui várias ruas largas e planas, o que favoreceria a realização da brincadeira.

Para iniciar o trabalho, fizemos a leitura de um vídeo do canal do YouTube “10ocupados”¹, onde há uma referência ao jogo de taco. Alguns(mas) alunos(as) que possuíam bastante contato com a brincadeira, descreveram aquilo que sabiam sobre regras, materiais utilizados, pessoas que praticavam etc. A partir das falas, pensamos coletivamente em como estruturar o espaço da escola para garantir a prática, considerando as características do espaço, os recursos existentes e as características do grupo. Organizamos da seguinte forma: a quadra acomodaria três partidas ao mesmo tempo, com a participação de quatro pessoas cada; seriam utilizados cabos de vassoura, garrafas pet e bolas de

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SutAFVSopy0>

borracha pequenas disponíveis na escola ou trazidos de casa; e, a fim de diminuir o tempo de duração e propiciar maior participação, o jogo terminaria quando uma das duplas completasse seis pontos.

Tomei nota de várias dúvidas surgidas durante as primeiras partidas: “o que acontece quando a bolinha é rebatida para trás? Qual o objetivo de quem está jogando a bolinha? O taco pode ficar fora da cela? E se a pessoa não conseguir rebater a bolinha é obrigatório trocar de cela? Pode tocar na bolinha depois que ela for três vezes para trás? Pode chutar a garrafa? Bolinha perdida? Bolinha de beg?”

Diante dessas e de outras questões registradas, foram promovidos momentos de rodas de conversa, onde alunos e alunas puderam explicar as regras do jogo até então não compreendidas. Isso possibilitou um melhor entendimento do jogo, algo que se refletiu nas vivências posteriores. Vale destacar que, segundo os relatos, as regras, organização e técnicas adotadas fora do espaço escolar nem sempre coincidiam. Logo, todas as explicações eram ouvidas e, coletivamente, reorganizávamos o formato considerando os diferentes fatores que influenciavam a prática.



Outros questionamentos emergiram e foram discutidos: “o que ocorre quando o taco derruba a garrafa? Pode trocar de cela mais de uma vez? O que acontece quando a bolinha sai da quadra? Acertar a garrafa vale ponto? Pode pegar a bolinha depois que conseguir ganhar o taco.”

Além disso, conversamos sobre o sentido das falas enunciadas por meninos e meninas que costumavam jogar na rua: “tudo”, “nada”, “não dou dois tacos”; “licença para trocar de taco” etc., e sobre a possibilidade de inclusão destas falas durante a prática. Observei que aos poucos vários/as estudantes passaram a utilizar esses jargões.

Conforme o trabalho avançava, alguns alunos começaram a trazer outros tacos de madeira para a escola, alegando que os bastões de cabo de vassoura não eram bons o suficiente para rebater a bolinha. Conversamos sobre as características e eficiência dos tacos, e também sobre a melhor maneira de lançar a bolinha para cada tipo de taco.

Fizemos a leitura de um texto² abordando as possíveis origens do jogo. Em outro texto³, conhecemos as frases pronunciadas pelo país afora, assim como outras interpretações para aquelas pronunciadas pelos(as) alunos(as) de cada turma. O mesmo aconteceu com os nomes que a brincadeira recebe em outras regiões (bets, bets altas, tacobol, bets ombro, etc.). Também assistimos vídeos que mostram diversos espaços e formas de jogar, entre eles, uma competição na Zona Norte de São Paulo⁴ e um jogo numa aldeia indígena⁵.

As partidas prosseguiram, a compreensão do jogo ficava cada vez mais nítida, mas, mesmo assim, os conflitos não cessavam, o que obrigava a turma a encontrar soluções. No 7º Ano C, por exemplo, o grande número de alunos/as somado aos poucos campos desenhados, impediam que todos/as jogassem, gerando reclamações. Ademais, algumas duplas sequer conseguiram pegar o taco para rebater, já que as adversárias rapidamente alcançavam seis pontos. Isso levou o grupo a definir um tempo limite para cada jogo (cronometrado por

² Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/01/brincadeiras-do-passado-taco-bets.html>

³ Disponível em: <http://educacaofisicaunibave.blogspot.com/2011/04/jogo-de-tacos.html>

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V7U7imimj9o>

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hop6Dbr5abQ>

quem estava de fora esperando para entrar “de próximo”), e garantir que a dupla que estivesse de fora, quando entrasse para jogar, ao invés de iniciar lançando a bolinha, como costuma acontecer na rua, iniciaria rebatendo. Avaliamos, posteriormente, tais implementações.

Numa determinada aula, fizemos a leitura de uma reportagem⁶ de jornal que discorria sobre o jogo de taco enquanto atividade de lazer num bairro da Zona Sul de São Paulo. Agrupados(as), os(as) alunos(as) foram convidados a discutir em quais espaços da cidade era comum encontrar pessoas jogando taco e quais motivos justificavam essa ocorrência. Quase que na totalidade, os grupos chegaram à conclusão de que a brincadeira é comum nos bairros mais periféricos. Tal posicionamento foi corroborado com uma das frases iniciais da reportagem lida: “sem muitas opções de lazer, jovens de um bairro da Zona Sul de São Paulo transformam as ruas em quadras para jogar taco”. Diante disso, provoqueei o grupo com as seguintes perguntas:

- Se houvessem outras opções de lazer, as pessoas deixariam de jogar taco?;
- É verdade que os bairros periféricos não possuem opções de lazer?
- O que será que a autora da matéria considera opção de lazer?

Houve quem dissesse que trocaria o jogo a depender das opções de lazer disponibilizadas, enquanto outros(as) negaram. Coletivamente, consideramos que a autora, hipoteticamente, considerava como opções de lazer apenas shoppings centers, clubes, piscinas, baladas e parques. Para verificarmos se realmente a periferia não possuía espaços e atividades de lazer, foi proposto aos(às) alunos(as) que fotografassem o que acontecia na região. Tais fotos deveriam ser enviadas para o meu e-mail.

No encontro seguinte fizemos a leitura de algumas imagens que retratavam bairros centrais da cidade de São Paulo há mais ou menos sessenta anos, bem como imagens atuais dos mesmos locais. Percebemos as modificações estruturais e populacionais. Levando em consideração as informações acessadas sobre as origens da brincadeira, supomos no passado

⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/parceiro-sp/noticia/2014/04/ruas-do-campo-limpoviram-quadras-para-jogo-de-taco.html>

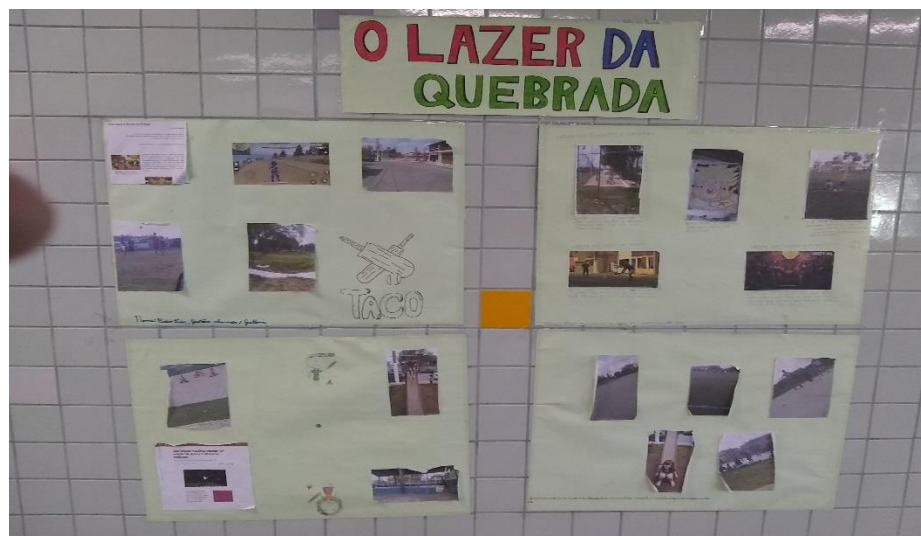
que ela ocorreria nos locais retratados, entretanto, as transformações ao longo do tempo deslocaram o jogo para as periferias e cidades do interior, onde, na visão dos/as estudantes há mais espaço e menos automóveis.

As fotos enviadas e as que eu mesmo tirei foram apresentadas às turmas. Como não revelavam tudo o que os(as) próprios(as) alunos(as) consideravam atividades de lazer, fizemos uma lista com as informações faltantes.



A análise dos materiais reunidos desencadeou uma interessante conversa acerca do processo de desqualificação dos espaços de lazer da periferia. Percebemos que há, sim, muitos espaços e atividades de lazer no Jardim Helena (situado a mais de 50 km do centro da cidade), entretanto não são vistos com legitimidade e nem mesmo valorizados. Analisamos outras práticas discursivas que evidenciam a desvalorização da periferia: reportagens que mostram apenas os problemas; situações onde moradores dos bairros centrais são favorecidos pelas políticas públicas, enquanto os moradores dos bairros distantes enfrentam dificuldades.

As reflexões levaram à produção de cartazes com as fotos tiradas pelos(as) estudantes a fim de destacar e legitimar os espaços e as atividades de lazer que ocorrem no bairro, muitas vezes frequentadas por eles/as. Sugeri o título “Lazer na periferia” para a exposição dos cartazes, entretanto fui interpelado por uma das alunas dizendo que “periferia” não era um termo muito utilizado pela turma, que deveria ser “quebrada”. Alteração imediatamente aceita pela turma.



As turmas também foram estimuladas a entrevistar familiares, vizinhos(as), colegas ou funcionários(as) da escola, em busca de novas informações acerca do jogo de taco. Perguntaram sobre as experiências com a brincadeira, os materiais utilizados e se consideravam o taco uma atividade de lazer. Os resultados obtidos foram compartilhados com o grupo. As entrevistas trouxeram variações na forma de constituir a “casinha”, desde o uso de latas de óleo até pedaços de madeira formando um triângulo. Algumas alunas do 7º Ano A, que faziam parte do Projeto Educomunicação (oferecido no contraturno), se propuseram a gravar e filmar entrevistas com os(as) funcionários(as) da escola. Na data marcada, as gravações foram assistidas e analisadas pelas três turmas. Todo o percurso foi registrado pelos estudantes em folhas avulsas, devidamente arquivadas em uma pasta.

Longe de querer romantizar o processo, devo destacar que as ações pedagógicas não foram marcadas apenas por relações tranquilas e sem resistências. Momentos de tensão ocorreram durante as vivências, conversas e atividades em grupo. Importante dizer que o desenvolvimento do trabalho

também foi discutido com o coordenador pedagógico, que ajudou a planejar algumas intervenções e com colegas de profissão por meio das redes sociais.